



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

MÉTODO GENEALÓGICO BASEADO NA COERÊNCIA: ALGO NOVO NA CRÍTICA TEXTUAL DO NT?¹

*Coherence-Based Genealogical Method:
Something new in the NT textual criticism?*

Cássio Murilo Dias da Silva²

Resumo: Com o advento da informática e a digitalização do texto dos manuscritos do Novo Testamento, surge também a possibilidade de se fazer minuciosas comparações. Além das semelhanças e das diferenças, é possível também gerar estatísticas, a delimitação de famílias de textos e árvores genealógicas. Este artigo apresenta e avalia o “Método Genealógico Baseado na Coerência” (em inglês, Coherence-Based Genealogical Method – CBGM), seus pressupostos e sua aplicação.

Palavras-chave: Crítica textual. Método genealógico. Novo Testamento grego.

Abstract: With the advent of informatics and the digitalization of the New Testament manuscripts, it is also possible to make detailed comparisons. Besides the similarities and differences, we can get statistics, delimitate families of texts and build genealogical trees. This article presents and evaluates the “Coherence-Based Genealogical Method” (CBGM), its assumptions and its application.

Keywords: Textual criticism. Genealogical method. Greek New Testament.

Imagine que manuscritos sejam seres vivos que se reproduzem pelo processo de transcrição e cópia. Imagine que o DNA dos manuscritos esteja não na química da tinta nem do papel, mas na formulação do texto. Então, fica fácil imaginar também um programa de computador que compara todos os manuscritos do Novo Testamento e, por meio das estatísticas, elabora uma árvore genealógica deles.

Essa analogia é o modo mais simples de explicar um “novo” modo de comparação de manuscritos bíblicos: o “método genealógico baseado na coerência”.

¹ O artigo foi recebido em 13 de dezembro de 2013 e aprovado em 03 de julho de 2014 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Ciências Bíblicas pelo Instituto Bíblico de Roma, Itália. Professor da Faculdade de Teologia da PUCRS, Porto Alegre/RS, Brasil. Contato: cassiomu@gmail.com

A velha e boa crítica textual

Quem faz uma leitura comparada de dois ou mais manuscritos de textos bíblicos logo percebe que não há dois manuscritos perfeitamente iguais. Entre eles sempre há diferenças, por vezes muito pequenas e sem graves consequências na interpretação do texto (como a falta de uma letra em uma palavra perfeitamente reconhecível), por vezes longas e/ou com graves desdobramentos na exegese e na teologia do texto (como a inclusão de frases inteiras). São as chamadas “lições” ou “leituras” variantes. Os cientistas bíblicos desenvolveram uma série de critérios e de procedimentos para avaliar não somente cada manuscrito como um todo, mas também cada leitura variante, de modo a propor, com certo grau de certeza, qual leitura mais provavelmente seja a da redação original (ou, pelo menos, esteja mais próximo dela). Esse ramo das ciências bíblicas chama-se “crítica textual” e o resultado desse imenso trabalho de mapeamento, agrupamento, catalogação e avaliação das leituras variantes é encontrado no “aparato crítico” de edições especializadas nesse tipo de discussão. Trata-se das “edições críticas”.

A crítica textual é um trabalho com dois aspectos simultâneos – a crítica externa e a crítica interna –, cada qual com seus próprios critérios para avaliar as leituras variantes.

A crítica externa leva em consideração o aspecto “físico” dos manuscritos, isto é, a quantidade, a qualidade, a data e o lugar em que os manuscritos surgiram. Para a crítica externa, ao avaliar duas ou mais leituras, deve-se preferir:

- a) a leitura com maior número de ocorrências;
- b) a leitura presente em manuscritos mais antigos e confiáveis (de melhor qualidade textual);
- c) a leitura concordante de manuscritos independentes entre si, tanto na sua família como no lugar em que foram produzidos.

Diferentemente, a crítica interna analisa o texto propriamente dito: a articulação das ideias, o vocabulário, o estilo e a teologia do autor. Para a crítica interna, deve-se preferir:

- a) a lição mais difícil (*lectio difficilior*), e não a mais fácil;
- b) a lição mais breve (*lectio brevior*), e não a mais longa;
- c) a lição que esteja de acordo com o estilo e a teologia do autor;
- d) a lição que não sofreu influência (contaminação) de passos paralelos.

Além de avaliar as leituras variantes, a crítica textual deve também tentar explicar como surgiram as diferenças, o que leva a um quinto critério de crítica interna:

- e) deve-se preferir a lição que pode explicar como surgiram as demais.

Assim se desenvolveu e se praticou a crítica textual³ até os últimos anos do século XX, e seus resultados levaram a compreender o processo de recepção e transmissão dos textos bíblicos individuais e do texto bíblico como um todo. Com o advento da informática e a possibilidade de se comparar quantitativamente as mínimas semelhanças e diferenças entre os manuscritos, o trabalho da crítica textual sofre um forte impacto.

Prova disso é o surgimento de um “novo” método de estudo dos manuscritos, denominado “método genealógico baseado na coerência” (em inglês: Coherence-Based Genealogical Method, ou CBGM⁴). Essa “nova” abordagem baseia-se em estatísticas elaboradas por um programa de computador para formular um fluxograma dos “testemunhos ancestrais” e dos “testemunhos descendentes”, de modo a compor uma árvore genealógica dos manuscritos.

Novidade?

Nos parágrafos precedentes, as palavras “novo” e “nova” receberam aspas. A razão é simples e pode ser formulada de modo interrogativo: Há de fato algo de “novo” nesse método?

A pergunta é factível porque tanto a tentativa de compor as árvores genealógicas de manuscritos antigos como o vocabulário usado no CBGM não são criações recentes. De fato, a crítica textual aplicada à Bíblia e a manuscritos de outras obras literárias antigas há muito já havia proposto *estemas* (árvores genealógicas) para explicar quais “testemunhos” (manuscritos) dependem de quais.⁵

A roupagem de novidade talvez seja o “baseado na coerência” e o largo uso da informática para gerar as muitas estatísticas que servem para avaliar a coerência (ou a falta dela) entre manuscritos.

Assim, neste artigo, a sigla CBGM não se refere ao método genealógico em geral, mas ao “método genealógico baseado na coerência” aplicado aos manuscritos neotestamentários.

CBGM e Novo Testamento

O pioneirismo da aplicação do CBGM ao texto do NT cabe ao Institut für Neutestamentliche Textforschung (INTF; em português: Instituto para a Pesquisa do Texto do Novo Testamento) da Universidade de Münster, na Alemanha, e tem como principal pesquisador o professor Gerd Mink. No *site* do INTF, encontram-se *links*

³ Para maiores informações e exemplos sobre a crítica textual, cf. SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. 3. reimp. São Paulo: Paulinas, 2003.

⁴ A partir de agora, para simplificar, usarei esta sigla.

⁵ Cf. o artigo “Textual Criticism”, na edição acadêmica *on-line* da Enciclopédia Britânica, disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/589489/textual-criticism>>. Algumas observações críticas citadas no subtítulo “Reaction against the genealogical method” servem também para a aplicação do CBGM aplicado ao NT.

para leitura e *download* de vasto material bem como acesso para o uso *on-line* do programa que gera estatísticas e fluxogramas⁶:

– Em <http://egora.uni-muenster.de/intf/projekte/gsm_aus_en.shtml>, o professor Mink faz uma brevíssima introdução: “The Coherence-Based Genealogical Method – What is it about?”. No entanto, trata-se de uma exposição sumária que apenas justifica o uso do método, sem explicar os procedimentos nem oferecer exemplos. Embora seja uma leitura interessante, penso que será mais proveitoso lê-la após a longa e minuciosa “apresentação introdutória” (cf. a seguir).

– Em <http://egora.uni-muenster.de/intf/service/downloads_en.shtml> está disponível para *download* a “apresentação introdutória”. Trata-se de um calhamaço virtual de 577 “páginas”, em arquivo .pdf, no qual o mesmo professor Mink explica minuciosamente o objetivo, a terminologia, os procedimentos de interpretação e de como encontrar coerências estemáticas.

– Em <<http://intf.uni-muenster.de/cbqm2/GenQ.html>>, os *links* para acessar o programa que gera as estatísticas e os estemas. No entanto, para saber o que fazer no programa, como preencher os campos de pesquisa e como interpretar os resultados, é necessário ler a apresentação introdutória de Mink e ter em mãos a *Editio Critica Maior*.⁷

Editio Critica Maior

Antes de uma exposição sobre o CBGM, convém apresentar, ainda que sucintamente, a mais recente edição crítica do texto do Novo Testamento.

Em meados de 1997 foram publicados os dois primeiros fascículos (um com o texto, outro com o material suplementar) do *Novum Testamentum Graecum: Editio Critica Maior* (de agora em diante, *ECM*). Começou-se pela carta de Tiago. Nos anos seguintes, completaram-se os fascículos do volume IV, correspondente às “Cartas Católicaas”: em 2000, as Cartas de Pedro; em 2003, a Primeira Carta de João; em 2005, a Segunda e Terceira João. Em dezembro de 2012 saiu a segunda edição revista, agora não mais em fascículos, mas em dois volumes encadernados.⁸ Quando estiver completa (sem prazo para o término da publicação), a *ECM* terá cinco volumes, cada qual com dois tomos (novamente, um para o texto e o aparato crítico, outro para materiais complementares).

Na introdução do primeiro fascículo, fica assim definido o objetivo da *ECM*: oferecer todos os recursos necessários para que o cientista bíblico possa estabelecer o texto do NT e reconstruir sua história nos primeiros mil anos da tradição cristã. Por isso a *ECM* apresenta um novo modo de arrolar e organizar tanto as variantes textuais como os manuscritos, o que inclui:

⁶ Os endereços e *links* citados neste artigo foram acessados durante sua redação, em dezembro de 2013.

⁷ INSTITUT für Neutestamentliche Textforschung. *Novum Testamentum Graecum: Editio Critica Maior. IV: Die Katholischen Briefe*. 3. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2013. 2 v.

⁸ Nesse meio tempo, em 2011, foi publicado também um volume especial com a sinopse de algumas perícopes, como uma prévia dos evangelhos.

- todas as variantes encontradas nos manuscritos gregos selecionados e nas citações dos padres gregos;
- as leituras dos três mais importantes versões antigas (latina, copta e siríaca) quando divergem do texto grego;
- as leituras de outras versões (armênia, georgiana, antiga igreja eslava e etíope) quando divergem do texto grego, conforme as edições disponíveis⁹.

Com essa nova publicação, passa a ser considerada “edição crítica menor” o aclamado Nestle-Aland, *Novum Testamentum Graece* (versão para exegetas), cuja 28ª edição foi lançada em finais de 2012.¹⁰ Quem está habituado ao seu aparato crítico ou mesmo com o aparato do *The Greek New Testament*¹¹ (versão para tradutores) sentirá um forte impacto com a nova diagramação e o novo modo de apresentar o texto e as variantes, sem falar nas novas abreviações para indicar os manuscritos.

Cada volume da *ECM* é formado por dois tomos: um com texto, outro com suplementos. No primeiro, cada palavra do texto estabelecido¹² recebe uma cifra, sempre números pares, sem números ímpares (que são atribuídos a palavras presentes nas variantes, mas ausentes no texto estabelecido).

O aparato crítico é composto de duas partes. Na primeira, logo abaixo do texto estabelecido, o elenco das variantes. A extensão da leitura divergente é dada pelos números atribuídos às palavras do texto e cada variante é identificada por uma letra (começando por *b*, uma vez que *a* corresponde ao texto estabelecido).

Na segunda parte do aparato crítico, repetem-se essas mesmas informações, mas com o elenco completo dos manuscritos nos quais tal leitura se encontra. Após as evidências para cada variante da primeira parte do aparato crítico, casos não contemplados, indefinições, testemunhos textuais sem um claro enquadramento e outras informações complementares.

Um breve exemplo para ajudar o leitor a visualizar isso tudo: Tg 2.5/38. A notação complementar – /38 – indica a palavra que em Tg 2.5 é identificada pelo número 38, isto é, βασιλειας.

No primeiro tomo, a primeira parte do primeiro aparato crítico traz:

38	<i>b</i>	βασιλειας αυτου
	<i>c</i>	επαγγελιας

⁹ INSTITUT, 2013, p. 1* (alemão) e 21* (inglês).

¹⁰ NESTLE, Eberhard; NESTLE, Ewin; ALAND, Kurt et al. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012. Obviamente, não só a 28. ed., mas também todas as anteriores e, sem dúvida, as posteriores passam a ser consideradas “edições críticas menores”.

¹¹ ALAND, Barbara; ALAND, Kurt et al. *The Greek New Testament*. 4. ed. rev., 2. imp. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

¹² Cumpre lembrar que, até o momento da elaboração deste artigo, foi apenas publicado o volume IV da *ECM*, isto é, as cartas católicas. Na primeira edição, ainda em fascículos, o texto estabelecido correspondia ao da 27. ed. do Nestle-Aland. Nas edições de 2013, porém, o impacto da nova pesquisa fez-se sentir e o texto estabelecido para as cartas católicas na 28. ed. do Nestle-Aland corresponde à segunda edição da *ECM*. A introdução da 28. ed. do Nestle-Aland deixa a entender que isso se repetirá nas edições posteriores para os demais livros do NT, à medida que se for completando a *ECM*.

Na segunda parte, o seguinte:

38	<i>a</i>	βασιλειας ... 01C2. 136*f1. 1367Cf2. PsOec. L:SFV. K:SB. S:PH. Ä
38	<i>b</i>	βασιλειας αυτου 056. 0142. 1066
	<i>c</i>	επαγγελιας (Hebr 6,17) 01*. 02
	–	P20. P23. P54. 048. 0166. 0173. 0246. 197. 1846. L60. L156. L170. L1126. L1442

No segundo tomo, um aparato crítico suplementar explica e expande as informações do aparato crítico do primeiro.

Como o exemplo é meramente ilustrativo de como é a apresentação visual da *ECM*, evitou-se aqui a explicação de cada sigla e abreviatura, bem como a reprodução do aparato crítico suplementar (tomo 2), longo e complexo demais para ser reproduzido aqui.

Apenas para completar essa exposição, dois exemplos de notações:

– Tg 2.5/43: Recorde-se o leitor que cada palavra recebe um número par. Essa notação significa que entre as palavras 42 e 44, em alguns manuscritos, há outra(s) não assumida(s) no texto estabelecido. Ou seja, no texto o que se tem é somente o espaço entre as palavras 42 e 44.

O primeiro aparato crítico traz:

43	<i>b</i>	κυριος
	<i>c</i>	ο κυριος
	<i>d</i>	ο θεος

e o segundo aparato elenca os manuscritos nos quais se encontram essas variantes.

– Tg 2.19/20-24: Essa notação refere-se ao conjunto de duas ou mais palavras que, nas leituras variantes, podem estar em ordem trocada, bem como apresentar ausências e acréscimos. Nesse caso, as palavras 20 a 24 são και τα δαιμονια e assim se encontra no primeiro aparato crítico:

20-24	<i>b</i>	και νυν τα δαιμονια
	<i>c</i>	και γαρ και τα δαιμονια
	<i>d</i>	και τα δαιμονια γαρ

variantes que no segundo aparato receberão suas respectivas evidências de atestação.

A *ECM*, sem dúvida, exige que o cientista bíblico se adapte ao novo aparato crítico, mas nada que justifique qualquer medo dessa nova ferramenta exegética, uma vez que o trabalho da crítica textual permanece basicamente o mesmo. Ao menos, até aqui...

O CBGM

Ao menos até aqui... pois é então que se propõe o “método genealógico baseado na coerência”: o CBGM. Como já descrito, esse “novo” método fundamentalmente

estatístico baseia-se na coerência (ou não) entre os manuscritos, de modo a elaborar um *estema*, isto é, uma árvore genealógica (ou parte dela) com as relações de “parentesco” entre os manuscritos, isto é, qual manuscrito copia qual.

Na já citada apresentação introdutória de Mink, encontram-se os pressupostos do método:

- (a) o escriba quis copiar sua principal fonte (Vorlage) fielmente;
- (b) se um escriba introduziu mudanças, elas provêm de outra fonte (isto é, não foram “inventadas”);
- (c) o escriba utilizou poucas fontes (e não muitas);
- (d) as fontes indicam textos próximos, e não distantes entre si¹³.

Esses pressupostos explicam suficientemente as evidências. Quando isso não acontece, o caso deve ser considerado uma exceção.

Como já afirmado no início deste artigo, para comparar manuscritos e gerar estatísticas e estemas é necessário acessar o programa de computador *on-line* do INTF da Universidade de Münster. Mas para saber como preencher os campos e como interpretar os resultados é necessário ler a apresentação introdutória de Mink e ter em mãos a *ECM* (preferivelmente a segunda edição, de 2013).

Não é o caso aqui de explicar detalhadamente as muitas possibilidades de análises oferecidas pelo *software* do INTF. Para os propósitos deste artigo, basta dizer que o programa pode comparar os textos completos dos manuscritos, bem como uma variante específica.

O programa pode comparar manuscritos no que se refere a um livro inteiro ou a um conjunto de livros. O manuscrito que se quer comparar a outros é o W1 (witness 1, testemunho/evidência 1); os demais manuscritos com o qual o W1 é comparado são chamados de W2 (witness 1, testemunho/evidência 2). Fornecidas as instruções, o programa gera dez colunas de estatísticas:

W2 = uma lista de possíveis “ancestrais”, isto é, quais manuscritos entraram na comparação;

NR = o grau de importância do manuscrito

DIR = a provável direção de fluxo entre os manuscritos

PERC1 = o percentual de concordância entre os manuscritos

EQ = equivalência (concordância absoluta) entre os manuscritos

PASS = o número de passagens comuns entre eles

W1<W2 = admitindo a prioridade de W2, quantas variantes deste manuscrito explicam as variantes de W1

W1>W2 = inversamente, admitindo a prioridade de W1, quantas variantes deste manuscrito explicam as variantes de W2

UNCL = o número de passagens de origem não clara

NOREL = o número de passagens sem nenhuma relação entre os manuscritos

¹³ MINK, 2009, p. 97-107. [Marcadores do autor deste artigo].

Algumas observações:

- a) As colunas W2 e PERC1 são as mais importantes.
- b) A coluna W2 apresenta o elenco dos manuscritos que podem ter servido de fonte e/ou contaminado o manuscrito analisado, isto é, o W1.
- c) A coluna PERC1 (percentual de concordância) permite inferir qual a distância entre os manuscritos: um alto percentual qualifica a concordância como genealogicamente relevante; um baixo percentual qualifica a concordância como coincidência. Para que o percentual de concordância seja considerado forte, deve superar os 87,6%.
- d) Os números das colunas $W1 < W2$ e $W1 > W2$ hipotizam as duas direções de fluxo dos testemunhos textuais, isto é, qual depende de qual. Se a diferença for pequena, a direção pode ser invertida; mas se a diferença for grande, o número maior é assumido como indicativo da direção de fluxo a ser aceita.

Um exemplo tirado da apresentação de Mink pode nos ajudar a concretizar e visualizar isso tudo: 1Pe 2.1/2-4. O texto estabelecido e duas variantes:

- a* αποθεμενοι ουν 122 manuscritos, incluindo o Códice Bizantino
b αποθεμενοι γουν 2147. 2652
d αποθεμενοι 1881. 2541

Vejamos o caso da variante *d*. Ela pode ter como ancestral tanto *a* (o texto estabelecido) como *b*.

Começemos com a comparação dos manuscritos de 1Pedro, e, só para o exemplo, o 1881 (W1). No menu “genealogical queries” (buscas genealógicas), clica-se no *link* “potential ancestors and descendants” (possíveis ancestrais e descendentes). No campo para o número do manuscrito, escreve-se “1881” e se excluem os fragmentos menores. O programa então gera as seguintes estatísticas:

W2	NR	D	PERC1	EQ	PASS	W1<W2	W1>W2	UNCL	NOREL
1739	1		92,432	2.064	2.233	121	24	20	5
323	2		91,334	2.034	2.227	116	47	20	11
2298	3		90,416	2.019	2.233	127	58	21	10
...									

A coluna W2 (possíveis ancestrais) confere um alto grau de dependência – 92,432% – do manuscrito 1739, que lê a variante *a*. Também um alto percentual aparece na comparação com outros manuscritos que leem a variante *a*. Ou seja, nenhum dos possíveis ancestrais lê a variante *b*.

Além disso, nas colunas $W1 < W2$ e $W1 > W2$ encontramos o seguinte:

- coluna 7: hipotizando 1881 (W1) como posterior a 1739 (W2), isto é, prioridade de W2 sobre W1, é possível explicar 121 variantes de 1881;
- coluna 8: hipotizando 1881 (W1) como anterior a 1739 (W2), isto é, prioridade de W1 sobre W2, é possível explicar 24 variantes de 1739.

Ou seja, o fluxo do texto de 1739 para 1881 é muito forte; diferente do que acontece na direção oposta.

Para casa W2 (323, 2298 etc.) há de se ler os dados de cada coluna dessa comparação entre os manuscritos para o conjunto de cada livro.

Caso se deseje uma tabela completa das diferenças, livro por livro, entre dois manuscritos, no menu das “genealogical queries”, basta clicar em “comparison of witnesses” (comparação de testemunhos/evidências) e preencher os campos com os números dos manuscritos para W1 e W2. Ficando com 1881 (W1) e 1739 (W2), o resultado é:

W1	DIR	W2	WRIT	NR	PERC1	EQ	PASS	W1<W2	W1>W2	UNCL	NOREL
1881	<--	1739	1P	1	90,505	591	653	50	6	4	2
1881	<--	1739	2P	1	92,308	384	416	19	5	7	1
1881	<--	1739	1J	1	93,325	713	764	33	11	6	1
1881	<--	1739	2J	1	95,192	99	104	3	0	2	1
1881	<--	1739	3J	1	94,737	90	95	4	1	0	0
1881	<--	1739	Jd	2	93,035	187	201	12	1	1	0
1881	<--	1739	CL	1	92,432	2064	2233	121	24	20	5

As colunas dessa tabela:

W1 = witness / testemunho 1

DIR = direção do fluxo

W2 = witness / testemunho 2

WRIT = livro

NR = grau de importância do manuscrito

PERC1 = percentual de concordância

EQ = equivalência

PASS = passagens comuns

W1<W2 = prioridade de W2 em relação a W1

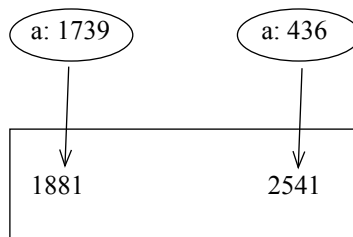
W1>W2 = prioridade de W1 em relação a W2

UNCL = passagens de origem não clara

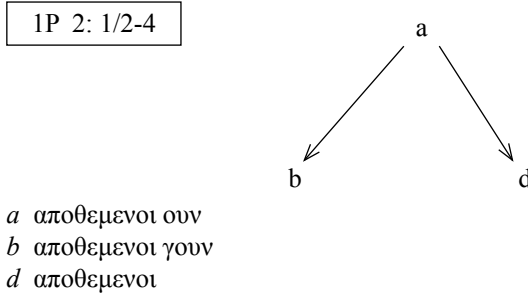
NOREL = passagens sem relação

O demais *links* no menu das “genealogical queries” abrem pesquisas para cada variante, de modo a gerar tabelas e *estemas* específicos. Na variante aqui proposta, a pesquisa pela “coherence in attestations” gera este gráfico:

1P 2: 1/2-4d
Con= 10



Gera também este estema local:



No primeiro diagrama: o testemunho 1881 é descendente de 1739; igualmente, o testemunho 2541 é descendente de 436.

No segundo: a variante *a* está na origem das duas outras (*b* e *d*), que não dependem uma da outra.

Essas e várias outras estatísticas (e decorrentes análises) são explanadas por Mink na sua apresentação introdutória. Como arremate, o mesmo Mink faz algumas afirmações conclusivas, talvez numa tentativa de responder (previamente?) algumas possíveis críticas. O CBGM:

- (a) não toma decisões textuais;
- (b) não dispensa o estudo filológico (ao contrário, está baseado nele);
- (c) é somente uma ferramenta que ajuda a ter uma visão panorâmica, a encontrar estrutura na tradição e a ver as consequências do que você está fazendo;
- (d) é um metamétodo, no qual você pode integrar tudo o que você encontra em outros métodos, e seja qual for a sua opinião (ecletismo moderado, ecletismo radical, prioridade do texto bizantino...)¹⁴.

Críticas e questionamento ao CBGM

Logo se percebe que o CBGM é extremamente complexo. Percebe-se também que é impossível aplicá-lo sem as ferramentas adequadas (a *Editio Critica Maior* e o programa *on-line* do INTF da Universidade de Münster) e sem um treinamento prévio, que começa com a leitura da apresentação de Gerd Mink, sumária e superficialmente (!) resumida neste artigo.

Por outro lado, mesmo sem conhecer mais profundamente esse “novo” método, o cientista bíblico habituado ao expediente da clássica crítica textual não pode evitar certa desconfiança. Observações críticas acerca dos pressupostos e da aplicação do método. Igualmente as considerações finais de Mink suscitam questionamentos. A seguir, como arremate deste artigo, algumas delas.

¹⁴ MINK, 2009, p. 576. [Marcadores do autor deste artigo].

Os dois primeiros pressupostos – (a) o escriba quis copiar sua principal fonte (*Vorlage*) fielmente e (b) se um escriba introduziu mudanças, elas provêm de outra fonte (isto é, não foram “inventadas”) – parecem afirmar que todas as mudanças introduzidas pelos copistas foram todas involuntárias. Ora, a crítica textual clássica admite que os copistas tenham introduzido propositadamente alterações, segundo suas próprias índoles, suas opções teológicas e/ou as necessidades de suas comunidades.

A própria aplicação do CBGM é alvo de críticas, por ser um método estatístico e não se basear nem seguir a abordagem heurística da crítica textual. Em outras palavras, o CBGM analisa estatísticas, e não os textos dos manuscritos, o que dito de outro modo, equivale a dizer que o CBGM coloca a estatística acima do estudo filológico. E nessa linha de raciocínio, há de se perguntar: De que modo o CBGM se relaciona com os critérios externos e internos da crítica textual clássica? Ele os substitui, confirma, nega, corrige...?

É verdade que as duas primeiras considerações finais de Mink – o CBGM (a) não toma decisões textuais e (b) não dispensa o estudo filológico – parecem responder a tal crítica; no entanto, sua aplicação prática parece, se não negar tais afirmações, ao menos de certo modo contradizê-las. Ao propor que se assuma um “provável” fluxo de textos, o que se propõe, de certo modo, é também uma decisão textual, baseada em estatísticas, não no estudo filológico (o texto em si mesmo).

A quarta consideração final de Mink – (d) o CBGM é metamétodo no qual se podem integrar todos os outros métodos, independente da opinião de quem o utiliza – parece afirmar que o CBGM pode ser usado para provar qualquer teoria acerca dos manuscritos. A isso liga-se outra crítica já formulada: o CBGM assume um estema inicial e depois aplica as várias estatísticas para compor uma linha de regressão linear, isto é, o estema que mais convém e, portanto, provar que o suposto estema inicial está correto.¹⁵

Vários outros questionamentos podem ser propostos.

O terceiro pressuposto – (c) o escriba utilizou poucas fontes (e não muitas) – embora plausível, não pode ser comprovado, além de conter certa ambiguidade: utilizar poucas fontes é o mesmo que ter poucas fontes à disposição?

Tanto quando no caso do “método genealógico” clássico (aplicado a manuscritos em geral), até que ponto é possível tratar como uma coisa só o texto e o veículo do texto, isto é, o manuscrito?

Muitas diferenças e muitos “erros” estão ligados a vocabulário, gramática e sintaxe. Mas o que se assume como vocabulário, gramática e sintaxe padrões de uma língua nem sempre é o efetivamente assumido em todas as regiões que a falam e escrevem. Basta recordar as diferenças entre o português do Brasil e o português de Portugal (neste caso, ambos os usos são “padrão”). Por conseguinte, é difícil estabele-

¹⁵ Ver a crítica coletiva (isto é, aberta a colaborações, alargamentos e correções) em: <<http://hermeneutics.stackexchange.com/questions/2896/coherence-based-genealogical-method-vs-local-text-types-theory>>. Acesso em: 11 dez. 2013, durante a elaboração deste artigo.

cer o que é variante, o que é erro e, portanto, qual é o texto inicial. Isso, sem complicar ainda mais, admitindo uma etapa oral do texto.

Por fim, a própria solidez do CBGM é alvo de críticas, uma vez que, até agora, esse método foi aplicado somente a um número restrito de livros bíblicos, a saber: às cartas católicas. Sem menosprezar esse *corpus* literário, há de se reconhecer que o verdadeiro teste ainda não foi feito, pois os textos das cartas católicas apresentam bem menos manuscritos e, portanto, bem menos problemas textuais do que o restante do NT, particularmente os evangelhos.

Essas e outras críticas e indagações ao CBGM significam que o método deva ser sumariamente descartado e execrado? Absolutamente não! Apenas indicam que o “novo” método aplicado aos manuscritos e ao texto do NT ainda precisa conquistar seu lugar nas ciências bíblicas. Como em qualquer ciência com um edifício metodológico já constituído, para um novo método ser aceito e se impor, é necessário provar sua eficácia; e para isso, é necessário muito tempo, muita controvérsia, muita tinta e (mais recentemente) muitos *bytes*, para amadurecer técnicas e critérios, para depurar inconsistências, para dialogar com os reticentes e responder aos questionamentos. Toda novidade gera polêmica, receio, desconfiança. Ainda não se pode dizer que o “método genealógico baseado na coerência”, o CBGM, chegou para ficar. Ainda é cedo. No entanto, não se pode negar que ele abre novas possibilidades para reconstruir a história do texto do NT. E tudo vai depender de como o CBGM dialogará com o ramo das ciências bíblicas no qual quer se inserir: a velha e boa crítica textual.

Referências e fontes

- INSTITUT für Neutestamentliche Textforschung. *Novum Testamentum Graecum: Editio Critica Maior. IV: Die Katholischen Briefe*. 2. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2013. 2 v.
- KENNEY, Edward John. Textual Criticism. In: *Encyclopædia Britannica Online*. Disponível em: <<http://www.britannica.com/EBchecked/topic/589489/textual-criticism>>. Acesso em: dez. 2013.
- MINK, Gerd. *The Coherence-Based Genealogical Method – CBGM. Introductory Presentation*. 2009. Disponível em: <http://egora.uni-muenster.de/intf/service/downloads_en.shtml>. Acesso em: dez. 2013.
- _____. *The Coherence-Based Genealogical Method – What is it about?* 2002. Disponível em: <http://egora.uni-muenster.de/intf/projekte/gsm_aus_en.shtml>. Acesso em: dez. 2013.
- NESTLE, Eberhard; NESTLE, Ewin; ALAND, Kurt et al. *Novum Testamentum Graece*. 28. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.
- SILVA, Cássio Murilo Dias da. *Metodologia de exegese bíblica*. 3. reimp. São Paulo: Paulinas, 2003.